Motrivivência Ano XXII, Nº 35, P. 147-165 Dez./2010
doi: 10.5007/2175-8042.2010v22n35p147

EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO FÍSICA: reflexões à sua apreensão/ implementação na formação humana

Graziany Penna Dias[1]

RESUMO

O presente texto objetiva tratar criticamente a noção de empreendedorismo e sua apreensão/implementação, feita de forma apressada e acrítica, nas ações pedagógicas da educação física. Essa noção caminha juntamente com as de competência e empregabilidade; impostas na escola para atender ao projeto dominante de sociedade, pautada nas mudanças ocorridas no capitalismo a desde o último quartel do século passado. Compreendemos a importância de discussão para a área, pois começam a serem produzidas obras apontando para a assunção do referencial do empreendedorismo como norte a ser perseguido pelos professores de educação física, para inclusive justificarem a disciplina no interior da escola.

Palavras-chave: Educação Física. Empreendedorismo. Competência. Empregabilidade e Formação Humana.

1 Mestre em Educação (UFF). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudoeste de Minas (Campus Juiz de Fora). Contato: graziany.dias@ifsudestemg.edu.br

Introdução

O presente texto tem por objetivo tratar, criticamente, a noção de empreendedorismo e sua apreensão/implementação, a nosso ver acrítica, nas ações pedagógicas da educação física, enquanto área de conhecimento e intervenção. Entende-se que esta noção caminha e se relaciona juntamente com as outras noções: competência e empregabilidade; que têm sido impostas, pelo projeto burguês, no seio escolar para atender ao projeto dominante de sociedade, em face às mudanças que vêm acontecendo no capitalismo desde o último quartel do século passado (XX).

Enquanto uma noção relativamente atual, o empreendedorismo tem se constituído em um discurso ideológico dirigido à classe trabalhadora, com o intuito de dar novo vigor ao capitalismo que havia adentrado em crise em 1970, com repercussões hodiernas, principalmente, por conta da crise do emprego formal (ANTUNES, 1999).

A expectativa é relacionar essa discussão com a especificidade da educação física no seu trabalho pedagógico; pois numa perspectiva de totalidade, essa última não está separada da realidade maior, perpassada pela reestruturação produtiva que impõe novas mediações na relação trabalho e educação física (NOZAKI, 2004).

Compreendemos que tal discussão se torna importante para a educação física, na medida em que começam a serem produzidas obras na área, que apontam para a assunção do referencial da noção de empreendedorismo como norte a ser perseguido pelos professores de educação física. Seja na sua atuação na escola (para inclusive justificarem a disciplina no seu interior) seja em termos de formação profissional para atuar fora do contexto escolar.

Inicialmente podemos destacar as seguintes produções, na área da educação física, que apontam, respectivamente, para a atuação pedagógica na escola e para a formação em educação física no nível superior: na perspectiva pedagógica temos o capítulo 04 do livro *O Empreendedorismo na Escola* (2005) da Rede Pitágoras com o título *Educação Física Escolar: Uma Perspectiva Ética e Empreendedora* (BOTELHO e SOUZA, 2005), e a dissertação de mestrado de Nascimento (2001) com o título *Aprender a Empreender. Como o professor de educação física pode contribuir nesse processo de aprendizagem?* Na perspectiva de formação profissional em educação física temos o livro de Juarez Vieira do Nascimento intitulado *"Formação*

Profissional em Educação Física: contextos de desenvolvimento curricular" (2002).

No tocante a Rede Pitágoras, em sua publicação "O Empreendedorismo na Escola" (2005), tem procurado desenvolver "discussões"[2] em nosso entender, apologéticas, sob o mote de evidenciar o empreendedorismo como parte integrante da educação escolar nos dias de hoje (In: ANDRADE, 2005, p. 11).

Essas obras, sem exceção, procuram trabalhar na lógica do desenvolvimento do espírito empreendedor nos alunos a que se destinam, a partir dos conhecimentos tratados pela educação física.

De nossa parte, entendemos que o fazem acriticamente, sob a perspectiva do mercado. Inclusive, se apropriando de referenciais críticos da área, como o Coletivo de Autores (1992), que não compartilha da visão mercadológica e até mesmo a contrapõe.

Como veremos, o discurso do empreendedorismo[3] vem sendo propalado via setores dominantes da sociedade capitalista com o intuito de adequarem a classe trabalhadora com o projeto capitalista neoliberal de sociedade.

Reestruturação produtiva

Diversos estudos têm apontado profundas mudanças no mundo do trabalho (ou mercado de trabalho, para as visões apologéticas) que têm indicado transformações na economia política do capitalismo, no último quartel do século XX e que vem ocorrendo até então (FRIGOTTO, 2000; ANTUNES, 1999; HARVEY, 1993). A origem dessas mudanças se deu em função da crise do capitalismo, instaurada no início dos anos 1970, impondo a necessidade, da classe burguesa, em recuperar o seu ciclo reprodutivo e repor o seu projeto dominante societal. (ANTUNES, 2000). Essas transformações têm implicado, numa perspectiva de totalidade e mediação, mudanças em outros âmbitos da sociedade, como a cultura e a educação.

A globalização e o neoliberalismo, enquanto grandes processos econômicos e políticos, em curso, têm promovido mudanças estruturais (FRIGOTTO, 2000). Aliada e permeada, por esses, temos a reestruturação produtiva, que tem impetrado a partir das inovações tecnológicas, mas não

2 Em maio de 2004, a rede Pitágoras realizou em São Paulo, o 'Congresso Empreendedorismo: um novo passo em educação', com o intuito de fomentar a discussão em torno de pesquisas, experiências do empreendedorismo como parte integrante da educação escolar.

3 Para saber mais ver(DIAS, 2006).

só por conta dessas, mudanças no modo de organização da produção, a qual, um novo modelo se apresenta com o nome de toyotismo (GOUNET, 1999).

Não obstante, isto não perfaz o desuso dos modelos de organização do passado representados pelo fordismo[4]. O que se observa é uma conjugação de modelos antigos com novos.

Nesse sentido, o capital precisou realizar um amplo processo de reestruturação produtiva, na qual a acumulação flexível é um processo marcante.

De acordo com Harvey,

> A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. (1993, p. 140).

Ante à acumulação flexível, uma série de medidas como a precarização do trabalho no que tange aos diretos e remunerações, informalização, flexibilidade nos processos de trabalho tem resultado na crise do emprego formal com acentuado aumento da taxa de desemprego.

Pois, no interior das empresas, com os novos modelos de produção, como o toyotismo, um intenso processo de reestruturação produtiva tem implicado numa série de mudanças, em negação às estruturas rígidas do fordismo, perfazendo a flexibilidade necessária aos novos tempos.

O aparato produtivo toyotista é altamente flexível, adaptando-se às mudanças na produção em curto espaço de tempo (GOUNET, 1999).

Sua estrutura fabril apresenta-se horizontalizada, ou seja,

4 De acordo com Laranjeira (2002) o fordismo é um termo generalizado da concepção de Gramsci, que em seu texto "Americanismo e Fordismo" (2002), compreendeu o sistema de produção e gestão promovido por Henry Ford, como estando associado a produção de um novo "tipo de homem" conforme o tipo de trabalho de processo produtivo. Suas características perfazem a produção em massa de mercadorias, baseadas na produção mais homogeneizada e altamente verticalizada, dito de outra forma, a "empresa que faz tudo" (SOUZA, et al., 1999), pois a empresa de inspiração fordista agremiava na sua planta fabril, a maior parte das tarefas da produção de determinada mercadoria. E a rAealização de tais tarefas eram racionalizadas ao máximo, para diminuir o tempo de produção e o desperdício, e aumentar o ritmo de trabalho. O resultado disto era a intensificação nas formas de exploração (ANTUNES, 1999).

boa parte das funções inerentes à produção são repassadas a outras empresas em forma de terceirização, em contrapartida ao fordismo cuja estrutura é verticalizada agremiando praticamente a maioria das funções. Assim, enquanto no fordismo tinha-se 75% da produção sendo realizada na própria fábrica, na estrutura fabril toyotista apenas 25% da produção é realizada em seu interior, ficando a maior parcela, deslocada para outras empresas (ANTUNES, 1999).

Observa-se, portanto, o processo de terceirização no qual são passadas determinadas tarefas da produção para outras empresas (geralmente micro e pequenas), ficando a grande empresa horizontalizada, por conta da parte principal das tarefas da produção, ou seja, elas agora procuram "focalizar" as tarefas mais rentáveis, deixando o restante para ouras empresas.

Isso, de imediato, tem proporcionado um enxugamento dos postos de trabalho já que as tarefas são reduzidas. Em termos de concorrência de mercado, fica mais lucrativo, na ótica capitalista, pagar a empresas terceirizadas pela realização de determinadas tarefas, ao invés de manter um número maior de trabalhadores no interior da empresa que antes realizavam tais tarefas.

De acordo com Singer (2003), essas grandes empresas horizontalizadas optam por comprar serviços das micro e pequenas empresas, em vez de comprar mão de obra, tal como era feito pela grande empresa verticalizada.

Assim, o processo de terceirização, em especial, vem necessitar de uma conjuntura propícia à formação de micro e pequenas empresas que possam assumir as tarefas produtivas compradas pelas grandes empresas horizontalizadas.

Nesse sentido, para atender essas novas demandas faz-se necessário um novo tipo de trabalhador que seja educado para as mudanças constantes do mercado de trabalho, na qual a inserção não se opera somente pela via do emprego, mas também pelo "auto-emprego". Por fim, discursos são criados para poder direcionar e convencer os trabalhadores sobre a formação necessária para garantir a sua sobrevivência, sem que se tenha que questionar as relações sociais de produção. A seguir, analisaremos esses discursos dispostos sob a aparência das noções de competência, empregabilidade e empreendedorismo.

Noção de competência, empregabilidade e empreendedorismo

As mudanças de cunho tecnológico e organizacional do

trabalho, por que vêm passando os países do capitalismo central (desde meados de 1970) desenham um mundo produtivo que impõe um novo modelo de trabalhador necessário para à composição de novos quadros produtivos. A formação humana deverá repousar em novas noções que passam a ser balizadoras dos principais espaços de formação, sendo a escola o espaço privilegiado.

Não obstante, apresentam-se duas novas noções – competência e empregabilidade – no interior do campo da formação humana (RAMOS, 2001a). Sobre à competência, esta,

> [...] associa-se à conjugação dos diversos saberes mobilizados pelo indivíduo (saber, saber-fazer e saber-ser) na realização de uma atividade. Ela faz apelo não somente aos seus conhecimentos formais, mas à toda gama de aprendizagens interiorizadas nas experiências vividas, que constituiriam a sua própria subjetividade (RAMOS, 2001a, p. 13).

O novo modelo de trabalhador deverá ser preparado não somente através de uma base técnica, mas também com características e habilidades comportamentais tais como criatividade, trabalho em grupo, decisão, resolução de problemas, comunicação entre outras; tornando-se um trabalhador polivalente.

No tocante a institucionalização da noção de competência, Ramos (2001a) traz importantes conclusões, ao verificar que a metodologia de análise dos processos de trabalho tem sido feitas segundo a Teoria Funcionalista. Essa, enquanto aporte metodológico, "[...] é coerente com uma concepção natural-funcionalista de homem e uma concepção subjetivo-relativista de conhecimento, que reforçaria o irracionalismo pós-moderno[5]" (RAMOS, 2001a, p. 284).

De acordo com Ramos, o funcionalismo não se origina nas Ciências Sociais, embora muito divulgado nesta. Ele é oriundo, na verdade, das Ciências Biológicas. Segundo a autora, essa teoria desconsidera as determinações históricas e contraditórias do objeto de conhecimento, a qual se põe a investigar.

Em relação à empregabilidade, tal noção caminha junto

5 Cabe atentarmos que o irracionalismo pós-moderno advém da perspectiva histórica do capitalismo em anunciar o fim da razão, das grandes metanarrativas da modernidade, em especial "o marxismo e o pensamento dialético materialista" (MATA et al., 2004, p. 01). Nessa linha o conhecimento deixaria de ser central para a compreensão da realidade para transformá-la, pois não existiria o verdadeiro e o falso.

com a noção de competência, correspondendo ideologicamente à condição do trabalhador se tornar empregável num momento em que flexibilizam-se as relações e condições de trabalho.

A empregabilidade representaria a contínua preparação que o trabalhador deveria buscar para se manter no emprego ou, se o perder, conquistar um outro emprego pela via da sua capacitação. De acordo com Minarelli (1995) a palavra empregabilidade é equivalente à expressão norte americana *employability* que se refere à "habilidade de ter emprego" (ibid, p. 37). Atendendo aos ajustamentos da economia global, as empresas modificam-se velozmente não garantindo mais o emprego até o trabalhador se aposentar. Inclusive, segundo Minarelli (ibid.), são cada vez mais raras as carreiras feitas apenas em uma única empresa.

Entretanto, para além de uma expressão, a empregabilidade opera como mecanismo ideológico que adentra na realidade como forma de justificar as contradições da sociedade capitalista. De acordo com Ramon de Oliveira (1999), procura-se, pôr fora de questão, as contradições, enquanto responsáveis pela crise hodierna.

De nossa parte, acrescentamos a noção de empreendedorismo que tem ganhado o espaço no discurso dominante com forte apelo ao "auto-emprego", de modo à pessoa tornar "patrão de si mesmo", haja vista as altas taxas de desemprego e subemprego.

A noção empreendedorismo, denominada também de empreendedorismo schumpeteriano, é derivada dos estudos do economista liberal Joseph A. Schumpeter. Em seus estudos sobre o desenvolvimento econômico do capitalismo, ele teria identificado como fenômeno fundamental a figura do empreendedor (CAMPOS, 2003).

De acordo com Pombo (2005), Schumpeter destaca que o sistema capitalista tem como característica inerente, uma determinada força denominada, em seu livro *Capitalismo, Socialismo e Democracia* (publicado em 1942), de "processo de destruição criativa" no qual o desenvolvimento de novos produtos, novos métodos de produção e novos mercados; perfaz a destruição do velho pelo novo. E o agente central nesse processo de destruição criativa seria a figura do empreendedor. Em 1911, a publicação do seu livro *Teoria do Desenvolvimento Econômico* (1961b), deu um enfoque destacado ao empreendedor. Para Schumpeter, o empreendedor é aquele que cria inovações, possibilitando a obtenção de lucros com assunção dos riscos. "Ao empreendimento de

novas combinações denominamos 'empresa' e os indivíduos, cuja função é realizá-las, 'empreendedores'" (SCHUMPETER, 1961a, p. 103, grifos do autor).

Para Schumpeter, a capacidade de inovação seria um atributo fundamental ao empreendedor de modo a este procurar dar originalidade aos negócios, pois, do contrário, ao cair em ações rotineiras, suas atividades não poderiam mais ser consideradas empreendedoras.

Assim, o empreendedor, segundo Schumpeter (ibid.), poderia ser comparado como uma espécie de jogador que joga pelo prazer de jogar e nas quais os ganhos materiais são como troféus, demonstrando sua superioridade. Aqui, observa-se uma percepção bem idealista de homem, que está para além das determinações materiais. Inclusive Schumpeter chega diferir o seu empreendedor da visão de *homo oeconomicus*[6], pois este seria capaz de recuar perante os empreendimentos de alto risco ao perquirir somente o lucro nas suas atividades econômicas; já o empreendedor vai para além do lucro, visando mais à satisfação da vitória.

Enfim, as noções de competência, empregabilidade e empreendedorismo vêm trazer funcionalidade ao sistema capitalista, enquanto noções ideológicas que procuram gerar o convencimento da classe trabalhadora, maior prejudicada com a reestruturação produtiva.

Aliás, próprio da perspectiva ideológica, no sentido marxista de convencimento da realidade, como nos leva a entendimento Chauí.

> A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem sentir e como devem sentir, o que fazer e como devem fazer [...] cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes a partir da esfera das divisões na esfera da produção (2004, p. 108).

6 *Homo oeconomicus* é um conceito gestado pela economia burguesa, que compreende o homem enquanto um conjunto de faculdades a serem constituídas nos indivíduos para que o sistema econômico possa funcionar. A realidade é dada naturalmente, cabendo a este *homo oeconomicus* descobrir as leis que a regem e adequar-se a elas para maximizar os seus ganhos. O homem, neste sentido, se reduz a uma abstração genérica, a-histórica e cujas características básicas são a racionalidade do comportamento e o egoísmo. Para saber mais ver Kosik (1976) e Firgotto (2001).

Nessa concepção, o discurso do empreendedorismo, não importando na forma em que ele se materialize, procura enfatizar que as mudanças tecnológicas são as responsáveis únicas e inevitáveis do desemprego. Assim, destacando só processo e não o seu agente, as relações sociais capitalistas que produzem toda esta realidade de desemprego, o poder dominante procura levar o entendimento de que esse processo é natural do desenvolvimento tecnológico cabendo aos indivíduos se adequarem às mudanças postas em condições dadas.

Essa perspectiva ideológica infere também de que não há resistência da classe trabalhadora frente ao desemprego. Afirma-se que os empregos vão desaparecer pura e simplesmente, com o passar do tempo, silenciando a luta que os trabalhadores de várias categorias têm travado para contrapor a este processo.

O que fica expresso, no discurso apologético é que a saída é individual, cabendo às pessoas se adequarem ao mercado, aprimorando seus "talentos", enquanto saída única para resolver o problema do desemprego. É adquirindo competências que o indivíduo poderá dotar-se de empregabilidade como forma de tornar-se empregado ou criar oportunidades de "empresariar a si mesmo", no formato do empreendedorismo. Assim, as noções de empregabilidade e empreendedorismo são destacadas como modo de contrapor ao drama do desemprego, dado como inelutável. A seguir, partiremos para a análise específica da educação física e de como o empreendedorismo tem se manifestado na área.

Empreendedorismo e educação física

No tocante a especificidade de educação física, como anotamos anteriormente, o discurso do empreendedorismo tem adentrado na área de duas formas: pela formação para atuação pedagógica na escola e na formação para a atuação fora do espaço não-formal, visando a criação do próprio negócio como as academias de ginástica, musculação entre outros.

Para a organização didática do presente texto, nomearemos a primeira forma de inserção como sendo a "perspectiva pedagógica" e a segunda como sendo a "perspectiva profissional". Cabe destacarmos que essa forma de organização não quer dizer que são estanques as ideias, em ambas as perspectivas. Em outras palavras, entendemos que na perspectiva profissional há uma ação pedagógica que compreendemos, na visão proporcionada por Gramsci, quando diz que:

> [...] a relação pedagógica não pode ser limitada às relações especificamente "escolásticas", [...]. Esta relação existe em toda a sociedade no seu conjunto e em todo o indivíduo com relação aos outros indivíduos, bem como entre camadas intelectuais e não intelectuais, entre governantes e governados, entre elites e seguidores, entre dirigentes e dirigidos, entre vanguardas e corpos de exército. Toda relação de "hegemonia" é necessariamente uma relação pedagógica, que se verifica não apenas no interior de uma nação, entre as diversas forças que a compõem, mas em todo campo internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais. (GRAMSCI, 1995, p. 37).

Como forma de destacarmos as relações existentes entre a educação física e empreendedorismo, nestas obras, iremos nos deter na análise de como este discurso tem se manifestado, bem como a perspectiva de formação humana que apontam.

Começaremos, pois, por tratar das obras da perspectiva pedagógica que pretendem a educação física como difusora do empreendedorismo na escola.

No texto de Botelho e Souza (2005) intitulado *"Educação Física Escolar: uma perspectiva ética e empreendedora"*, os autores procuram destacar a necessidade da educação física se valer de novas abordagens para o ensino desta disciplina na escola, respeitando, como afirmam eles, a cultura instalada no local.

Não obstante, são bem enfáticos ao dizerem que: "O momento é de refletirmos sobre a legitimação da educação física na escola e de, principalmente, apresentar propostas que avancem além do discurso e que promovam a revisão do papel da disciplina" (BOTELHO e SOUZA, 2005, p. 143).

Aqui observa-se a perspectiva de legitimar a educação física escolar, a partir de "novos referenciais" como o empreendedorismo, de modo a essa disciplina adquirir nova importância na educação.

E, nessa via, os autores destacam que o envolvimento na produção de eventos ajudaria em muito o processo de inclusão/participação dos alunos. Neste sentido, propõem o trabalho chamado "Festivais Esportivos", que são jogos ou torneios esportivos desenvolvidos junto com os alunos.

Isso mostra o esforço que tem sido realizado para estabelecer relações da educação física com a noção de empreendedorismo, espelhando o pensamento dessa noção, materializada em propostas

concretas que disputam espaço no pensamento contemporâneo da educação física. Entendemos que o fazem, acriticamente, sob a perspectiva do mercado, pois não se leva em consideração o contexto dominante em que se formula essa noção, nem os resultados perversos que a mesma aponta no cenário social de crise do emprego.

A seguir analisaremos outra obra, que procura sistematizar o empreendedorismo com a educação física escolar.

Na obra de Nascimento (2001)[7] intitulada *"Aprender a empreender. Como o professor de Educação Física pode Contribuir nesse Processo de Aprendizagem?"*, o autor realizou uma pesquisa com os professores de educação física do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFET-PR) e a partir dos resultados encontrados, ele elaborou considerações a serem levadas, a efeito, pelo professor para desenvolver o empreendedorismo em seus alunos, nas aulas de educação física.

Segundo Nascimento (2001) as aulas devem se pautar numa metodologia do "aprender a aprender" na qual as aulas deveriam reduzir-se, gradativamente, procurando

> [...] utilizar o maior tempo possível para a pesquisa a busca de informações, o acesso a banco de dados, para instrumentalizar a construção de atividades e textos próprios. Uma das metodologias utilizadas nesta área diz que não se deve dar respostas. O empreendedor é alguém que *aprende sozinho* (p. 87, grifo nosso).

Aqui, destaca-se a perspectiva subjetiva de busca pelo conhecimento, na qual o aluno deveria agir enquanto protagonista, para resolver situações complexas. O professor, neste sentido, deveria ser um facilitador da aprendizagem. "Um traço forte no empreendedor é a sua característica de desenvolver métodos próprios de aprendizagem" (NASCIMENTO, 2001 p. 89).

Ou seja, importa mais o método de apreensão do conhecimento do que o próprio conhecimento. E isto implica em todo um rol de características e habilidades tais como: inovação, negociação, criatividade, assunção de riscos, relações interpessoais, solução de problemas, motivação, entre outros (NASCIMENTO, 2001, p. 89).

Da exposição feita, sobre as asserções do autor, pode-se

7 Trata-se de uma dissertação de mestrado.

perceber que as sugestões para o desenvolvimento do empreendedorismo nas aulas de educação física, em muito se alinham com a perspectiva das competências. Sendo possível, inclusive, dizer que estão em consonância com o que se tem proposto no *Relatório Jacques Delors* (1998) que Newton Duarte (2003) analisa, criticamente, a partir de quatro posicionamentos valorativos presentes no lema "aprender a aprender", que, como vimos também se encontra na obra de Nascimento (2001). Sendo assim, nos apoiaremos nas contribuições de Duarte para podermos analisar a perspectiva empreendedora para as aulas de educação física.

O primeiro posicionamento valorativo pode ser assim descrito: aquilo que os indivíduos aprendem por si mesmo, tem mais valor do que os conhecimento e experiências, transmitidos por outros. De fato, as asserções de Nascimento, se alinham, totalmente, com este pensamento.

Com base nas críticas de Duarte, não discordamos de que a educação escolar, e, por conseguinte a educação física; deva promover, no indivíduo, a autonomia intelectual, a liberdade de pensamento, a iniciativa, entre outros. Não obstante, sob o lema do "aprender a aprender" promove-se uma "hierarquia valorativa, na qual aprender sozinho situa-se num nível mais elevado que o da aprendizagem resultante da transmissão de conhecimentos por alguém" (DUARTE, 2003, p. 08).

Em contrapartida a isto, compreendemos que uma educação que fomente a autonomia intelectual é possível e necessária pela "transmissão das formas mais elevadas de conhecimento socialmente existente" (ibid., p. 08).

O segundo posicionamento pode ser assim formulado: torna-se mais importante o aluno desenvolver um método de aquisição, elaboração, descoberta e construção de conhecimento; do que adquirir os conhecimentos que foram descobertos e elaborados pela humanidade. De fato, segundo Nascimento esta seria uma das características principais na formação do empreendedorismo. Nas suas palavras seria mais importante "desenvolver métodos próprios de aprendizagem" (p. 89)

E acrescenta, "[...] é importante que o aluno defina o que aprender para realizar suas visões. Ele é pró-ativo: ele define o que e onde quer chegar, depois busca o conhecimento que lhe permitirá atingir o objetivo" (ibid., p. 97).

Isso remonta a perspectiva escolanovista que, segundo Saviani (2005), pautava-se em métodos centrados no aluno, nos procedimentos e no aspecto psicológico, partindo das motivações e interesses das

crianças em desenvolver "os procedimentos que a conduzam à posse dos conhecimentos capazes de resolver às suas dúvidas e indagações" (SAVIANI, 2005, p. 46).

E isto representou/representa um duplo problema, pois de um lado empobreceu-se o ensino e, do outro, artificializou-se a pesquisa. Pois se a pesquisa é uma incursão no desconhecido, o conhecimento só é produzido quando o desconhecido é confrontado com o conhecido, neste sentido, é preciso o domínio do já conhecido. Além disto, o desconhecido não pode ser definido, individualmente, mas socialmente, ou seja, em termos sociais. Qualquer contribuição que se imagine fazer não pode ser pensada, isoladamente, mas coletivamente.

No aspecto educativo, não podemos deixar de citar Paulo Freire quando ele diz: "ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa sozinho: os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo, pelos objetos cognoscíveis" (FREIRE, 1978, pp. 78-79).

O terceiro posicionamento valorativo, que guarda coerência com as incursões de Nascimento, se refere: a ação do aluno, para ser educativa, tem de ser impulsionada pelos seus próprios interesses e necessidades. A novidade aqui, em relação aos posicionamentos anteriores é que o motor do processo de aprendizagem é a necessidade inerente à motivação do aluno. E, nessa linha, Nascimento destaca: "cabe ao professor instigar autoconfiança, perseverança, e motivá-lo para a realização de seu sonho e oportunidade" (2001, p. 105).

O quarto e último posicionamento, que vem coroar os demais é que a educação deve prepara seus alunos para "acompanhar" a sociedade em acelerado processo de mudança. Sendo assim, a educação deve pautar-se nesta dinâmica da sociedade, que faz com que o s conhecimentos sejam cada vez mais provisórios. Daí o lema "aprender a aprender" ser considerado como pressuposto para a educação do futuro.

Não obstante, para Duarte a pedagogia do "aprender a aprender", representa nada mais nada menos que uma concepção de formação humana, voltada para a formação de indivíduos adaptáveis "à sociedade regida pelo capital" (2003, p. 11). Nessa visão, também corroborada por nós, a pedagogia do "aprender a aprender", assim como outros referenciais que se apoiam nessa, como é o caso da pedagogia empreendedora proposta por Nascimento (2001); apontam para uma compreensão de educação e educação física, acrítica, conservadora e consonante com os anseios exclusivamente mercadológicos.

Pretendem não a transformação da sociedade capitalista, mas antes a sua manutenção e, na qual os homens deixam de ser considerados sujeitos coletivos e históricos, para serem postos como indivíduos reprodutores.

Feita a explanação e análise da "perspectiva pedagógica" a seguir, trataremos da "perspectiva profissional".

Sendo assim, passaremos agora, para a análise do livro de Nascimento (2002) intitulado *"Formação Profissional em Educação Física: contextos de desenvolvimento curricular"*. Nossa expectativa é identificar as relações e nexos entre a formação em educação física e o empreendedorismo.

Partiremos do item "Perspectivas do Mercado de Trabalho em Educação Física do Século XXI", onde poderemos ver com clareza as relações entre a educação física e o empreendedorismo, e, além do que, representa um esforço de síntese do autor no tocante a formação na área.

Inicialmente, Nascimento (2002) destaca que as perspectivas profissionais futuras estão pautadas na situação econômica atual.

> Na era da informação, o sucesso baseia-se fundamentalmente no menor número de trabalhadores que são empregados para realizar o trabalho. Como consequência imediata, a nova era poderá libertar centenas de pessoas do trabalho estafante, ou seja, vai economizar trabalho em grandes quantidades (NASCIMENTO, 2001, p. 63).

Não podemos deixar de destacar, criticamente, alguns pontos desta fala que é central para suas incursões posteriores, pois observamos um silenciamento de algumas questões. Primeiro que a melhoria de vida dos trabalhadores não se deu, propriamente, pela revolução industrial, mas sim pelas lutas da classe trabalhadora e pela intervenção do próprio Estado capitalista da época (NOGUEIRA, 1990).

Pois, ao ler o Capítulo inédito do Capital, escrito por Marx, podemos ver que a constituição da maquinaria não representou liberação do trabalhador do trabalho estafante, mas oportunizou sim, que os capitalistas pudessem intensificar e aprofundar a exploração da classe trabalhadora.

Harmoniosamente, e porque não dizer, apologeticamente, Nascimento (2002) destaca que as mudanças vão permitir a liberação do trabalho em função da tal era da informação. E com isto não compreende que o caráter social impresso no trabalho é o que impõe o desemprego (FIOD , 1999, p. 100).

Um outro detalhe é quando o autor diz que ocorrerá economia de trabalho em grandes quantidades. A nosso ver um outro modo de dizer desemprego em massa, mas que o autor preferiu não utilizar.

Para ele o emprego não irá acabar e a questão do desemprego se dará "como consequência de um movimento intenso de criação e destruição de postos de trabalho na economia, ou seja, um conceito de destruição criativa" (NASCIMENTO, 2002, p. 64).

Disto incorre a primeira relação direta com o empreendedorismo. Pois o conceito de "destruição criativa" é de Schumpeter, que já anotamos como sendo o "pai do empreendedorismo".

Não se questiona, porém, em que condições este posto de trabalho se apresentará. Será um posto protegido pelas leis conquistadas a duras penas pelo movimento organizado dos trabalhadores? Com certeza não, pois tomando por base o próprio argumento do autor, a dinâmica da economia é de rendimento, ou seja, produzir mais com menos gastos, e aí leia-se menos ou nenhum direito trabalhista, que possa "onerar" a concorrência intercapitalista. E como esta "destruição criativa" se desenha para a educação física?

Com base em autores da área, Nascimento destaca "[..] a redução progressiva de postos tradicionais (escola e clube) e o aumento crescente de postos de trabalho junto ao serviço comunitário e outras instituições não tradicionais do esporte (empresas, hospitais,...) no âmbito municipal e privado" (2002, p. 65).

Em suma, nas palavras do próprio auto "[...] visualiza-se no futuro o profissional de Educação Física como um *empreendedor* vendendo serviços no mercado" (2002, p. 65, grifo nosso).

Isto, em nossas análises, representa o seguinte: um profissional precarizado, sem garantias trabalhistas, sem identidade profissional e, principalmente, de classe; que vai vender o seu "serviço" por preços muito baixos, ante à concorrência com outros colegas que também se colocarão à venda para sobreviver no dito mercado.

Sobre isto, o autor destaca.

> Uma questão pertinente é que toda a força de trabalho desta área será mantida por esta concepção. Ela poderá ser uma maioria. Embora um grande número de pessoas não consiga viver na insegurança, sem saber se haverá dinheiro no final do mês (2002, p. 66-67).

Sobre isto ficam nossas questões: Quem, de fato, pode ficar na insegurança? Quem, no sistema

capitalista, pode ficar sem dinheiro no fim do mês? Creio termos segurança de responder que ninguém. Não obstante, as lutas que vêm sendo empreendidas pelos trabalhadores, em geral, e, especificamente, da área contra a perda de direitos.

Não devemos nos esquecer o risco que a educação física correu quando da discussão/aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de número 9394/96, na qual a educação física em termos legais sofria uma fragilização quanto à sua permanência no seio escolar, e que, só a luta dos trabalhadores da área conseguiu se contrapor a este processo.

Não obstante, a perspectiva do autor parece não ser de transformação, mas de conservação da realidade existente, na qual ele constata o fenômeno na sua aparência, procurando dar respostas às necessidades do mercado.

Por isto nos mantemos críticos à perspectiva do empreendedorismo, que ao contrário, promove indivíduos, singularmente, adaptáveis aos ditames do mercado, numa lógica do "cada um por si" ou "salve-se quem puder", o que representa um tipo de consciência alienada – na perspectiva salientada por Marx (2004) – do homem com a natureza, consigo mesmo e do homem com o seu gênero humano.

Neste sentido, compreendemos que se a pedagogia empreendedora na educação física, materializada seja na perspectiva da ação pedagógica no "chão da escola" (BOTELHO e SOUZA, 2005; NASCIMENTO, 2001) ou para a formação em educação física em nível superior (2002), não escapam a uma visão estrita de formação humana pautada no empreendedorismo. E isto nos dá suporte para dizermos que tal pedagogia empreendedora tem como perspectiva histórica a adaptação do ser humano à sociedade capitalista, desconsiderando qualquer possibilidade de transformação radical deste modelo de sociedade.

Pela concepção de homem assevera-se a adaptação aos ditames impostos pelo mercado ao mesmo passo que satisfaz o consenso necessário à manutenção do sistema capitalista, pois na visão apologética, não há alternativa. Assim, nos colocamos contrários à perspectiva conformadora da pedagogia empreendedora que tem ganhado espaço na educação física, enquanto mote para se adequar às mudanças exigidas pelo mercado. Congregamos com uma outra perspectiva de formação, calcada na concepção, que tomamos emprestada de Mészaros (2005), uma educação para além do capital.

Referências

ANTUNES Ricardo L. Trabalho Precarizado numa Ordem Neoliberal. In: GENTILI, Pablo & FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.) *A Cidadania Negada*: políticas de exclusão na educação e no trabalho. Coleção Grupos de Trabalho, CLACSO, 2000, p.35-48.

_____. *Os Sentidos do Trabalho* - Ensaio sobre a afirmação e a negação do Trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

BOTELHO, Ivan Mauad e SOUZA, Rui César Rezende de. Educação Física Escolar: Uma Perspectiva Ética e Empreendedora. In: ANDRADE, Rosamaria Calaes de. *O Empreendedorismo na Escola*. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artmed/Rede Pitágoras, 2005, p.143-184.

BRASIL. *Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Mec: Brasília.

CAMPOS, Marilene de Souza. *A Empresa como Vocação:* O SEBRAE e o Empreendedorismo na Cultura da Informalidade como Problema Público. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*. São Paulo: Braziliense, 2004.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

DELORS, Jacques. *Educação*: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/ UNESCO.

DIAS, Graziany Penna. *Empreendedorismo e Educação: o SEBRAE na Escola*. Dissertação de Mestrado. Niterói-UFF, 2006.

DUARTE. Newton. *Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões?* Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

FIOD, Edna Garcia Maciel. Politecnia: a educação do molusco que vira homem. In: AUED, Bernadete Wrublevski. *Educação para o (Des)Emprego* (ou quando estar liberto da necessidade do emprego é um tormento). 2ª ed.Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p83-108.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a Crise do Capitalismo Real*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *A Produtividade da Escola Improdutiva*. 6ª ed., São Paulo: Cortez, 2001.

GOUNET, Thomas. *Fordismo e Toyotismo na Civilização do Automóvel*. São Paulo: Boitempo, 1999.

GRAMSCI, Antonio. *Americanismo e Fordismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. *Concepção Dialética da História*. 10 ª ed., Rio de Janeiro: Civil. Brasileira, 1995.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Editora Loyola, 1993.

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LARANJEIRA, Sônia M. G. Fordismo e Pós-fordismo. In: LOMBARDI, José Claudinei (org.). *Globalização, Pós-modernidade e Educação:* história, filosofia e temas transversais. 2ª ed. rev. e ampliada. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR: Caçador, SC: UnC, 2003, p. 123-127.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MATTA, Alfredo e CANCELA, Francisco. A Pós-Modernidade e o Iluminismo: encontros e desencontros. *4º Colóquio Marx e Engels – Cemarx/Unicamp*, 2005, São Paulo. Website: www.unicamp.br/cemarx. Acessado dia 16/04/2006.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MINARELLI, José Augusto. *Empregabilidade:* o caminho das pedras. São Paulo: Editora Gente, 1995.

NASCIMENTO, Dalton Arnoldo. *Aprender a Empreender. Como o Professor de Educação Física pode Contribuir nesse Processo de Aprendizagem?* Dissertação de Mestrado, Florianópolis-UFSC, 2001.

NASCIMENTO, Juarez Vieira do. *Formação Profissional em Educação Física*: contextos de desenvolvimento curricular. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice. *Educação, Saber, Produção em Marx e Engels*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

NOZAKI, Hajime Takeuchi. *Educação Física e Reordenamento no Mundo do Trabalho: medições da regulamentação da profissão***.** Tese de Doutorado, Niterói – UFF, 2004.

OLIVEIRA, Ramon de. Empregabilidade e Competência: conceitos novos sustentando velhos interesses. *Revista no NETE – Trabalho e Educação,* jan/jul, 1999, nº 05, p50-63.

POMBO, Adriane Alvarenga da Rocha. *O Que é Ser Empreendedor*. Documento adquirido na Biblioteca Temática do Empreendedor – SEBRAE. Website: http://www.bte.com.br. Acessado dia 20/11/2005.

RAMOS, Marise Nogueira. *Da qualificação à competência:*

deslocamento conceitual na relação trabalho – educação. Tese de doutorado, UFF: Niterói, 2001a.

_____. *A Pedagogia das Competências:* Autonomia ou Adaptação? São Paulo: Cortez, 2001b.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. 37ª ed. Campinas, SP: Autores Associados (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo), 2005.

SCHUMPETER, Joseph A. *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1961a.

_____. *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961b.

SINGER. Paul. *Globalização e desemprego*: diagnósticos e alternativas – 6 ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, Donaldo Bello de; SANTANA, Marco Aurélio e DELUIZ, Neise. *Trabalho e Educação:* Centrais Sindicais e Reestruturação produtiva no Brasil. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.

ABSTRACT

The present objective text to critically deal with the notion entrepreneurship and its apprehension/implementation, made of hasty and uncritical form, in the pedagogical actions of the physical education. This notion together walks with the ones of ability and employability; imposed in the school to take care of to the dominant project of society, correct in the occured changes in the capitalism since the last quarter of the last century. We understand the importance of quarrel for the area, therefore they start to be produced workmanships pointing with respect to the installation of the reference of the entrepreneurship as north to be pursued by the professors of physical education, also disciplines to justify it in the interior of the school.

Keywords: Physical Education. Ability. Employability and Formation Human.

Recebido: março/2011.
Aprovado: abril/2011.